

Re: Revisão - Prática recomendada Dessalinização e Realcalinização

Tatiana Souza <tatiana.souza@concretophd.com.br>
Para: tatiana souza <tatiana.souza@concretophd.com.br>

19 de junho de 2024 às 08:40

----- Forwarded message -----

De: **Oswaldo Cascudo** <ocascudo@gmail.com>

Date: ter., 18 de jun. de 2024 às 16:55

Subject: Re: Revisão - Prática recomendada Dessalinização e Realcalinização

To: Paulo.Helene <paulo.helene@concretophd.com.br>, cc: Ercio Thomaz <erciothomaz@gmail.com>, Mariana Carvalho <mpcarvalho90@gmail.com>, Eliana Monteiro <eliana@poli.br>, Enio Pazini Figueiredo <epazini@terra.com.br>, Daniel Veras <verasribeiro@hotmail.com>

Caro Prof. Paulo Helene,

Só para não perder a ocasião, já que teores históricos foram veiculados, quero aproveitar a oportunidade para, mesmo referente a um período tão remoto, agradecer-lhe pela oportunidade de ter podido desenvolver na Poli/USP o primeiro trabalho acadêmico brasileiro (de pós-graduação stricto sensu) que abordou técnicas eletroquímicas voltadas ao estudo da corrosão das armaduras (**Contribuição ao estudo e emprego de técnicas eletroquímicas no controle da corrosão das armaduras em concreto armado, 1991 - Dissertação de Mestrado**). Este trabalho me deu a oportunidade de lançar, em 1997, o livro de corrosão, que muito me orgulha (campeão de vendas por 3 anos consecutivos na Editora Pini e muito citado nacionalmente e até fora do país, mesmo esgotado há alguns anos). Muito obrigado, também, pelas orientações que me conduziram a estudos muito aprofundados de corrosão, em disciplinas de ícones da corrosão como o Prof. Stephan Wolyneç (Metalurgia da Poli) e Zebhour Panossian (Corrosão do IPT). Este caminho foi muito áspero e difícil, nem sempre percorrido por todos, mas foi fundamental para a minha formação (lembro-me do Prof. Elton Bauer trilhar também esse caminho). As ricas contribuições de cursos e eventos com a Profa. Carmen Andrade foram muitas (até a última em um evento RILEM no ano passado aqui na UFG). A este respeito, sob sua liderança, lembro-me de um evento icônico que ajudamos a organizar (Maryangela, Helena e eu), ocorrido em 1990 na Poli, com duas das maiores sumidades em corrosão no mundo, a saber: os Professores Peter Schiessl e Carmen Andrade (creio que tenha sido a primeira vez que Carmen veio presencialmente ao Brasil).

Agradeço também pela oportunidade de usar pela primeira vez a técnica de potenciais de corrosão em concreto armado no país (no final dos anos 80), a partir de um eletrodo de corrosão de cobre/sulfato de cobre que você trouxe de uma de suas viagens, no caso de uma ida sua à Inglaterra. Ao chegar com esse eletrodo, corri para montar o aparato com vistas ao uso da técnica em meu mestrado (buscando um multímetro de alta impedância de entrada), que não foi fácil, à época, pois não se tratava de uma técnica usual. Após extensiva revisão da literatura, identifiquei um uso anterior da técnica no Rio de Janeiro, pelo Prof. Luiz Roberto Miranda, no entanto ele trabalhava com CPs de argamassa - e não com concreto (citei-o na minha dissertação). Após esta aplicação na minha dissertação, eu fui procurado por vários colegas para saber detalhes da técnica (cheguei a usá-la com Wellington Repette, conversava muito com a Maryangela, fui procurado pelo Carmona, etc.). Da época, extraído da dissertação e pesquisas nos anos 80 (expressando portanto esse pioneirismo), publiquei um artigo na Revista do Ibracon sobre o uso das técnicas de potenciais e de resistividade elétrica como forma de avaliação e controle da corrosão, como segue:

CASCUDO, O. Potenciais de corrosão e resistividade elétrica do concreto: como controlar a corrosão de armaduras. Revista do IBRACON - Instituto Brasileiro do Concreto, São Paulo, v. 3, n. 8, p. 26-31, 1993.

Bem, queria fazer esse registro e expressar a gratidão pelas ricas oportunidades, mesmo após tanto tempo.

Abraço,

Oswaldo.

Em qua., 29 de mai. de 2024 às 14:01, Paulo.Helene <paulo.helene@concretophd.com.br> escreveu:

Caro Prof. Cascudo

Prezado amigo

Muito obrigado por seu posicionamento.

É uma técnica eletroquímica que você fez um livro sobre as bases e conceitos iniciais e parece que o assunto só tem sido estudado por estrangeiros e a partir de 2020!!!

Como assim!!!???

Valeu.

Abraços



Em qua., 29 de mai. de 2024 às 11:01, Oswaldo Cascudo <ocascudo@gmail.com> escreveu:

Caros colegas,

Com o devido respeito que tenho pelo trabalho voluntário de novos autores, bem como pelo trabalho de mobilização de grupos em torno desses trabalhos (que merecem todo o nosso elogio e respeito), concordo plenamente com a fala do Prof. Paulo Helene. Aproveito a oportunidade para fazer uma crítica aos trabalhos de revisão sistemática da literatura (RSL), que muitas vezes "engessam" o levantamento bibliográfico, tirando dos autores a sensibilidade que deve haver na citação de importantes trabalhos realizados (na maioria das vezes a sistemática da ação faz um recorte temporal e realmente prioriza artigos de periódicos indexados, deixando para trás muitas das produções de relevância do contexto histórico). Tenho sentido essa dificuldade em trabalhos do nosso grupo aqui na UFG, inclusive de alunos que oriento. Em determinados temas, que temos atuado por tantos anos e que temos pioneirismo, não somos sequer lembrados nas revisões de literatura (e como é difícil a argumentação em causa própria...). São situações realmente que causam constrangimento, além do fato da injustiça histórica em si!

O Prof. Paulo Helene realizou um importante trabalho na durabilidade do concreto, a partir dos anos 80, capitaneando várias pesquisas e pessoas que multiplicaram posteriormente as ações nessa temática global. Me sinto um privilegiado por pertencer a essa equipe pioneira no Brasil, que no final dos anos 80 passou a estudar as técnicas eletroquímicas e as técnicas de inspeção estrutural, dentre tantos outros assuntos ligados à corrosão das armaduras. Creio que publicações estratégicas, especialmente as que se produzem no seio do Ibracon, deveriam conter, na medida justa da contribuição de todos, uma consolidação histórica dos trabalhos pioneiros, de autores que contribuíram lá atrás (muitos dos quais ainda muito ativos até hoje). Isto, inclusive, valoriza os trabalhos atuais!

De toda maneira, parablenizo as iniciativas atuais e todos os envolvidos nesse importante trabalho voluntário!

Abraço,

Oswaldo Cascudo
Prof. UFG

Em sex., 24 de mai. de 2024 às 16:24, Paulo.Helene <paulo.helene@concretophd.com.br> escreveu:

Prezado Ércio

Boa tarde.

Depois de velho a gente fica "crica" e me revolta ver um trabalho brasileiro com pouquíssimas ou nenhuma citação a pioneiros trabalhos brasileiros.

O Fábio que me desculpe mas, respeitosamente é Lamentável!

Complexo de inferioridade dos brasileiros... só pode ser.

É como fazer uma Prática Recomendada de Desempenho e não citar Ércio Thomaz nem Cláudio Mitidieri!!!!

Também não cita nem UMA vez a Carmen Andrade, o Enio Pazini, o Oswaldo CASCUDO, a Oladis de Rincón, ninguém da ALCONPAT nem do IBRACON, nem da USP!!!que são pioneiros e autores de livros e teses e dezenas de cursos, seminários, congressos, workshops, normas.

Não precisa dizer que nem sequer me citaram UMA vez, eu que sou o PAI e MÃE da durabilidade e da corrosão no Brasil e fui o primeiro a escrever sobre o tema na ESPANHA também, em revista técnica em 3 números sequenciais em 1983.

Lamentável e copio o Prof. Dr. Daniel Veras, pois acho que ele nem sabe dessas ocorrências de seus subordinados (Fábio) que só citam trabalhos estrangeiros, em inglês, e dos últimos anos. Será que o tema corrosão começou em 2020???!!!

Essa recomendação de citar trabalhos dos últimos anos só tem sentido para artigos científicos para mostrar a atualidade do autor, mas só vale para uma parte das referências bibliográficas, pois citar os pioneiros SEMPRE foi recomendado na literatura científica também.

Parece que o estudo da corrosão só existe no exterior e começou ontem nos últimos 3 ou 4 anos!

Lamentável.

Abraços



Em sex., 24 de mai. de 2024 às 15:39, Mariana Pestana de Carvalho <mpcarvalho90@gmail.com> escreveu:

Olá, Professor, boa tarde! Tudo bem contigo?

Li a prática recomendada que nos foi designada pelo Prof. Ercio.
Acho que está muito bem escrita e fiz poucos retoques.

Tenho dúvidas com relação ao item de procedimentos recomendados para avaliação em laboratório dos processos. Entendo que é difícil reproduzir em laboratório as condições reais de campo de carbonatação e contaminação com cloretos, então, tenho dificuldades em entender aplicabilidade destes procedimentos (no meu entendimento, seriam para monitoramento do processo na estrutura real contaminada por cloretos ou carbonatada, ou estou errada?).

Aguardo seus comentários para seguirmos com a discussão.

Abraços,

Mariana Pestana de Carvalho

Engenheira Civil - EEUPM

(11) 99976-9529

mpcarvalho90@gmail.com

--

Prof. Dr. Oswaldo Cascudo - UFG

Prof. Titular - Escola de Engenharia Civil e Ambiental (EECA)

Coord. do LABITECC e do Laboratório de Durabilidade e Corrosão

Full Professor at UFG, Brazil

Coord. of LABITECC and Durability and Corrosion Laboratory

Tel.: +55 (62) 3209 6262 - Cell phone:+55 (62) 98167-9778



GEDur
GRUPO DE ESTUDOS
EM DURABILIDADE



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

--

Prof. Dr. Oswaldo Cascudo - UFG

Prof. Titular - Escola de Engenharia Civil e Ambiental (EECA)

Coord. do LABITECC e do Laboratório de Durabilidade e Corrosão

Full Professor at UFG, Brazil

Coord. of LABITECC and Durability and Corrosion Laboratory

Tel.: +55 (62) 3209 6262 - Cell phone:+55 (62) 98167-9778



GEDur
GRUPO DE ESTUDOS
EM DURABILIDADE



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS